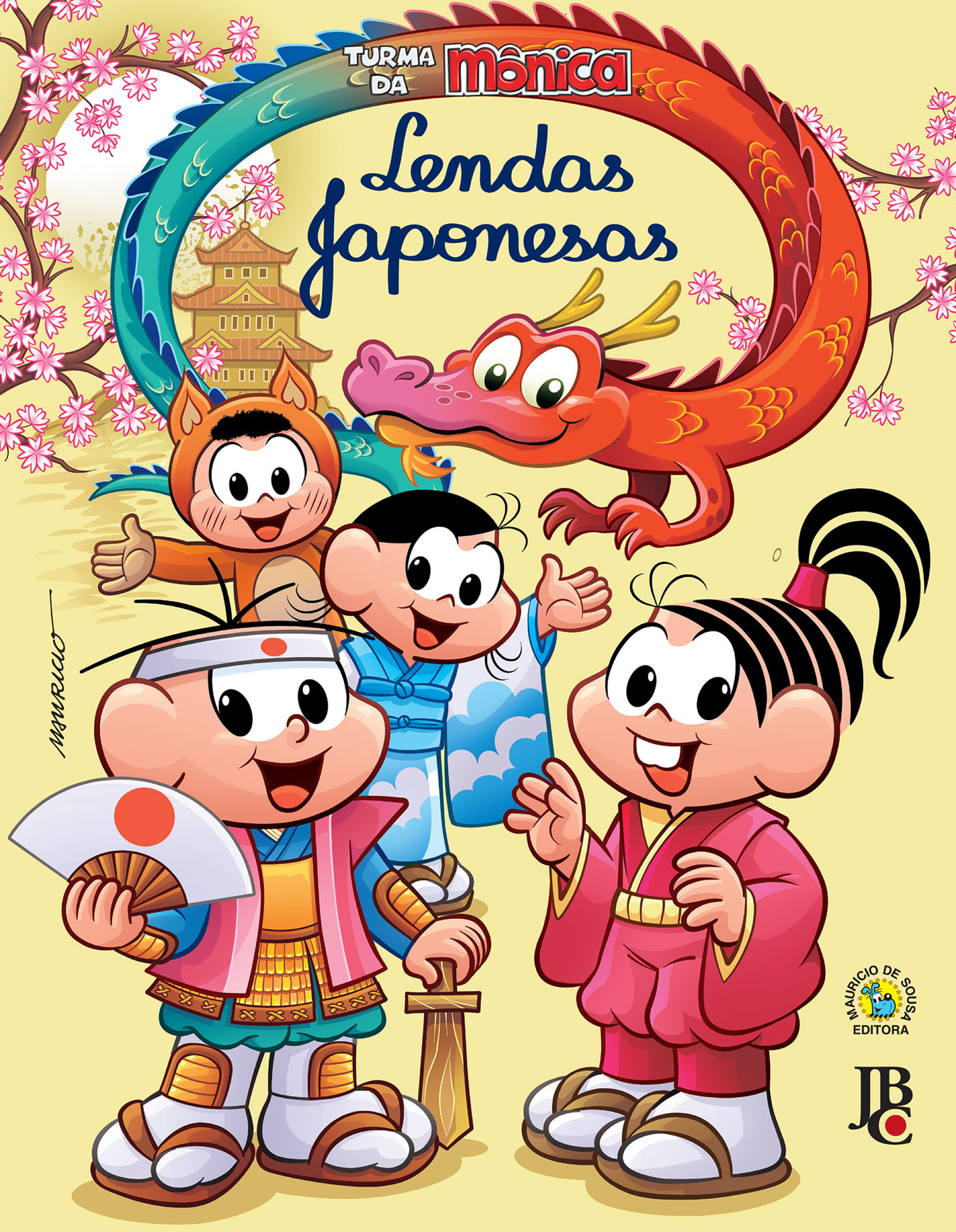
Ilustrado por **Mauricio de Sousa** • Recontado por **André Kondo**

Turma da Mônica

Lendas Japonesas



Mauricio de Sousa Editora

JBC

Ilustrado por Mauricio de Sousa • Recontado por André Kondo

Mauricio de Sousa Editora
JBC

Expediente

JBC

FUNDADOR Masakazu Shoji

DIRETORA-PRESIDENTE Luzia Shoji

SUPERINTENDENTE Marina Shoji

DIRETOR GERAL Sergio Tajiki

Publisher

Júlio Moreno

Editorial

SUPERVISOR DE CONTEÚDO Marcelo Del Greco

ASSISTENTE Marina Okamura

EDITOR DE ARTE Denis Takata

ASSISTENTE DE ARTE Douglas Souza

Operações

COORDENADORA DE PROCESSOS GRÁFICOS Eliana Francisco

ASSISTENTE Lucas Malaspina

Administrativo

COORDENADORA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRO Iris Leite de Souza

ASSISTENTE FINANCEIRO Rodrigo Luiz da Silva

Comercial

GERENTE Leandro Carvalho

ASSISTENTES Tamara Arenas, Rafael Teixeira e Johnathan de Freitas

ASSINATURAS Maíra Ferreira

Comunicação e Marketing

GERENTE Edi Carlos Rodrigues

ANALISTA Karin Kimura

ASSISTENTE Heila Lima

Colaboradores desta edição

REVISÃO DE TEXTO Henrique Minatogawa

Consultoria Cultural
Jo Takahashi e Chiaki Karen Tada

Editora JBC

R. Loefgreen, 1291 - 7º andar - V. Mariana São Paulo - SP. Brasil - CEP 04040-031 - Tel: (11) 5575-6286

www.editorajbc.com.br

Estúdios Mauricio de Sousa apresentam

PRESIDENTE Mauricio de Sousa
DIRETORIA Alice Keico Takeda, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa

Mauricio de Sousa é membro da Academia Paulista de Letras (APL)

DIRETORA EXECUTIVA Alice Keico Takeda
DIREÇÃO DE ARTE Alice Keico Takeda
DIRETOR DE LICENCIAMENTO Rodrigo Paiva
COORDENADORA COMERCIAL Tatiane Comlosi
ANALISTA COMERCIAL Alexandra Paulista
EDITOR Sidney Gusman
ADAPTAÇÃO DE TEXTOS E LAYOUT Robson Barreto de Lacerda
REVISÃO Daniela Gomes Furlan, Ivana Mello
EDITOR DE ARTE Mauro Souza
COORDENAÇÃO DE ARTE Irene Dellega, Maria A. Rabello
PRODUTORA EDITORIAL JR. Regiane Moreira
DESENHO Emy Yamauchi Acosta
ARTE-FINAL Clarisse Hirabayashi, Cristina Hitomi, Jaime Podavin, Marcos Paulo Silva, Romeu Takao Furusawa
COR Giba Valadares, Kaio Bruder, Marcelo Conquista, Mauro Souza
DESIGNER GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Mariangela Saraiva Ferradás
SUPERVISÃO DE CONTEÚDO Marina T. e Sousa Cameron
SUPERVISÃO GERAL Mauricio de Sousa

Mauricio de Sousa Editora

Condomínio E-Business Park - Rua Werner Von Siemens, 111 Prédio 19 – Espaço 01 - Lapa de Baixo – São Paulo - SP CEP: 05069-010 - TEL.: +55 11 3613-5000

© 2019 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Editora Ltda. Todos os direitos reservados.

www.turmadamonica.com.br

Sumário

Tokoyo, a filha do samurai

O Coelho da Lua

Urashima Taro

A Gratidão da Garça

Por que o Ogro Vermelho Chorou?

Bobo Saburo

Teru Teru Bozu

Momotaro

Senhor Palha da Sorte

A princesa tecelã e o pastor dos rebanhos

Issunboshi

Hachikazuki, a Portadora da Tigela

TOKOYO, A FILHA DO SAMURAI *

Em uma época de intensas batalhas, Oribe Shima era um dos mais valorosos samurais do Imperador do Japão. Infelizmente, a inveja caiu sobre Oribe, que injustamente foi apontado como responsável por uma misteriosa doença que atacou o chefe daquela nação. Condenado, o samurai foi enviado para as distantes ilhas Oki. Apesar de respeitado pela

maioria, ninguém ousou defender o exilado samurai. Apenas sua filha, Tokoyo, nunca abandonou sua confiança e lealdade paterna.

Por ser órfã de mãe, Tokoyo havia sido criada pelo pai em meio aos samurais. Isso a tornou tão forte que todos a respeitavam. E assim como um samurai com o seu Senhor, Tokoyo também tinha aprendido a ser determinada, a honrar e a proteger o seu pai. Por isso, logo traçou um plano de resgate, pois sabia que ele não poderia, de forma alguma, ter sido o culpado pela doença do Imperador.

Vendeu os poucos objetos que não foram confiscados com a prisão do pai, e partiu. Conseguiu chegar até as praias de Akasaki, de onde partiam os barcos para as ilhas Oki. Porém, seu pouco dinheiro havia acabado, e nenhum barqueiro a levaria de graça em uma viagem tão longa.

Ao cair da noite, Tokoyo caminhava pela praia em busca de uma solução, quando encontrou um barco naufragado, com metade ainda enterrada na areia. Usando as próprias mãos, desenterrou a embarcação. Com o que havia aprendido na época em que ajudava os pescadores de seu vilarejo nos assuntos do mar, consertou o casco e improvisou os remos.

Um barco bem suprido já teria dificuldade para realizar a travessia. Mais impressionante seria um barco improvisado como aquele de Tokoyo atravessar o mar bravio. Mas o amor de uma filha pelo pai é capaz de vencer qualquer desafio. Já na terceira noite, Tokoyo se encontrava em direção às ilhas Oki.

Após alguns dias no mar, finalmente, Tokoyo avistou a terra que aprisionava o pai. Desembarcou confiante, mas exausta. Mesmo assim, subiu as encostas para estudar o terreno e melhor pensar em um plano para resgatá-lo. Ao chegar no topo do penhasco, o cansaço venceu, e Tokoyo adormeceu debaixo de uma árvore torta, que crescia nos rochedos.

Despertou horas depois, quando ouviu os gritos de uma moça que correu em sua direção.

– Socorro! Socorro! Por favor, me ajude!

– Calma, o que houve? Vou proteger você! – disse Tokoyo.

– Você jura? Promete que irá salvar a minha vida?

– Sim, eu prometo...

Em seguida, um sacerdote surgiu em busca da moça. Era um homem de aparência bondosa, que não parecia ser uma

ameaça. Ele suplicou:

– Venha, por favor. Você precisa se entregar por um bem maior. Pense em todos da vila, em seus pais e irmãos...

– Por favor, eu não quero fazer isso! – a moça chorou.

– Não vou permitir que faça qualquer mal a ela – Tokoyo a defendeu.

– Você não entende. Abaixo deste penhasco, vive o terrível dragão-serpente Yofune-Nushi! Se não sacrificarmos uma pessoa a cada ano, neste exato dia de hoje, o monstro irá destruir toda a nossa vila! Sei que é horrível, mas o que podemos fazer? Se não fizermos isso, todos nós morreremos!

– Você prometeu me salvar! Você prometeu! – a moça segurou com firmeza o braço de Tokoyo.

Sim, ela havia prometido. Por isso, sem qualquer medo em seu coração, cumpriria a promessa. Além do mais, se o monstro destruísse a vila, acabaria também com a prisão em que estava o seu pai. Tokoyo disse ao sacerdote que ela mesma iria saltar do penhasco para as garras do dragão-serpente.

Diante do espanto dos dois, Tokoyo saltou no mar sem medo algum. Sentiu as águas gélidas cortando a pele, mas ela já estava acostumada àquela sensação. Havia, por muito tempo, ajudado também as mulheres que mergulhavam em busca de pérolas em sua vila. Tudo parecia ter preparado Tokoyo para aquele único momento, o encontro com o seu destino: Yofune-Nushi!

Enquanto mergulhava cada vez mais fundo, Tokoyo encontrou uma estátua do Imperador na entrada de uma

caverna marinha. Mal teve tempo para compreender que ela estava ali para garantir um feitiço, quando o dragão-serpente surgiu colossal por trás da imagem.

Com a forma de uma serpente sem fim, o dragão ondulava suas escamas afiadas, os olhos de fogo vidrados em Tokoyo, pensando ser ela a sua anual oferenda. Por isso, não esperava ser atacado daquela forma. Tokoyo acertou o monstro em cheio, apagando um de seus olhos. Em seguida, outro golpe preciso. O fogo do dragão-serpente se extinguiu, para sempre.

Tokoyo emergiu triunfante. O sacerdote e a jovem mal podiam acreditar que o monstro havia sido vencido. Não havia dúvidas. As pesadas nuvens que cobriam a ilha se dissiparam e o sol brilhou de forma mais intensa sobre o mar.

Em pouco tempo, Tokoyo finalmente foi levada como uma heroína para a vila. Enquanto caminhava por entre o povo que a aplaudia, avistou em liberdade, a poucos passos, o seu amado pai.

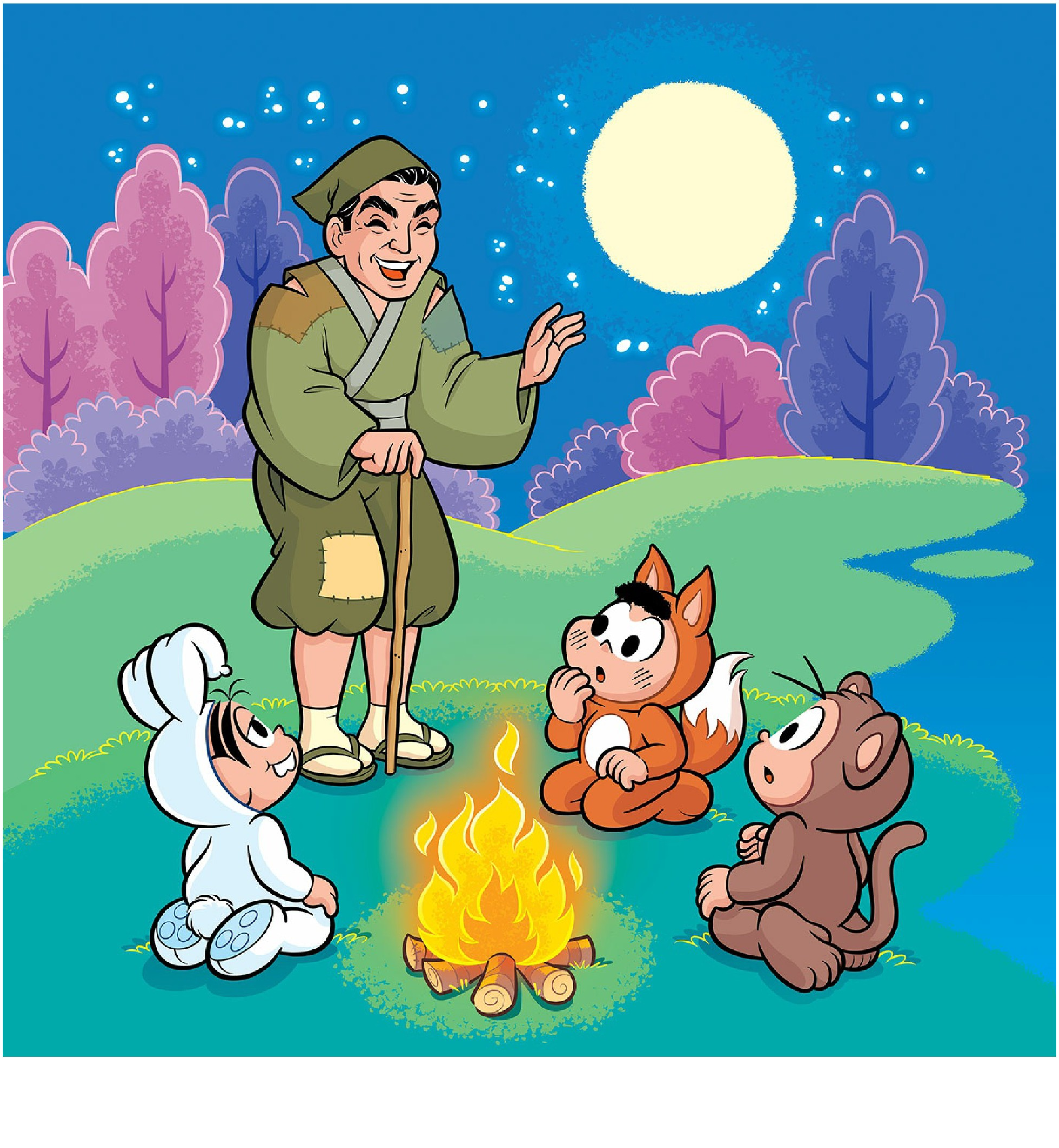
O Imperador, livre do feitiço do dragão-serpente após a vitória de Tokoyo, ao saber de tudo isso, chamou de volta o valoroso samurai e sua valente filha, concedendo a eles todas as glórias. E sobre o Japão reinou a história de uma filha que

honrou o pai, de tal forma, que o Sol se alegra com orgulho a cada manhã, na Terra do Sol Nascente.

---

* A origem desta história é controversa, não sendo possível encontrar fontes que garantam a sua autenticidade como legítima lenda japonesa. Porém, eis que a contamos aqui, porque toda lenda se baseia no desconhecido... e não conhece fronteiras.

O COELHO DA LUA



Lá bem do alto do céu, o Sábio da Lua olhou para a Terra em busca de algo muito precioso: a generosidade. Esse tesouro só é encontrado nos corações mais bondosos. Mas, então, como encontrá-lo, se não é possível enxergar o que bate escondido e quietinho dentro do peito?

Quando se perguntava isso, o Sábio da Lua encontrou, em uma floresta, um grupo de amigos ao redor de uma fogueira. Ficou animado, porque a generosidade é algo que os amigos sempre carregam. Mas quem dentre eles seria o mais generoso? O coelho, a raposa ou o macaco?

Para descobrir, teve uma ideia tão brilhante quanto a Lua naquela noite. Disfarçou-se de mendigo faminto e desceu para junto dos três amigos. Tremendo e com as mãos na barriga, choramingou:

— Ai, ai, ai. Que fome! Que fome! Estou morrendo de fome! Por favor, alguém me daria um pouquinho de comida?

Os três amigos disseram tristonhos: “ah, pobrezinho”, “vamos ajudar”, “não se preocupe, já, já irá comer algo”...

E saíram os três pela mata para encontrar comida.

O primeiro a voltar foi o ágil macaco, cheio de frutas gostosas.

Em seguida, chegou a raposa, que com sua esperteza deu um jeito de pescar um peixe bem saboroso.

Por fim, voltou o coelho, de patinhas vazias, sem nada, nadinha. Muito triste, o felpudo bichinho lamentou:

— Desculpe, meu pobre senhor. Quero muito ajudar, mas não consegui nada agora. De qualquer forma, consegui trocar por alimento a minha toca, que foi construída pelos meus queridos pais. Se puder esperar mais um pouquinho, o novo dono da minha antiga casa chegará aqui com a comida.

Comovido, o falso mendigo abraçou o coelhinho, voltando à sua verdadeira forma. O Sábio da Lua, então, declarou:

— Meu bom coelho, você é a criatura mais generosa que já encontrei em toda a minha longa vida, abrindo mão de seu próprio lar para me ajudar!

Os amigos concordaram chorosos e foram abraçar o coelhinho também. E o sábio continuou:

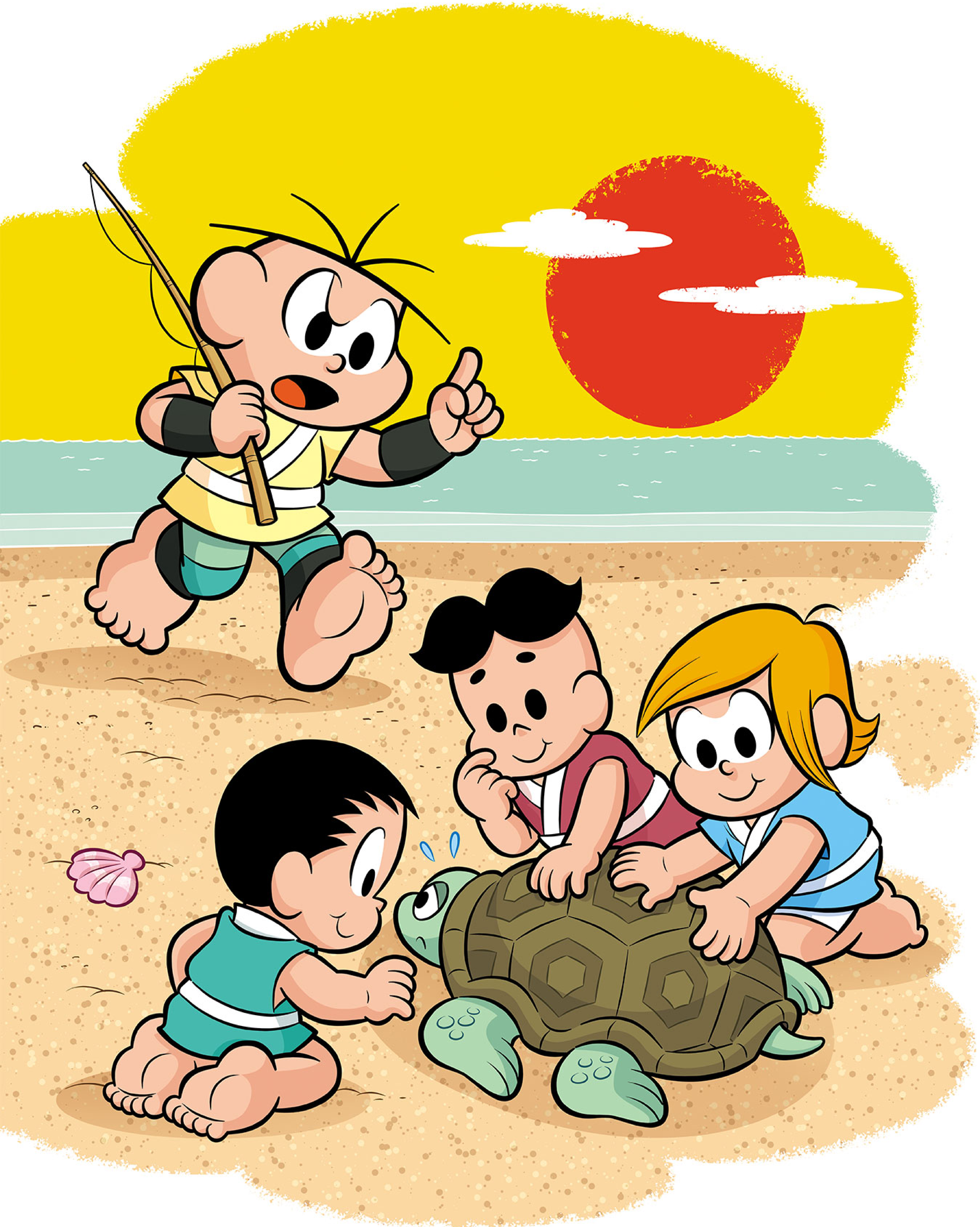
— Como você não tem mais casa para morar e por ser o mais generoso de todos, eu o levarei comigo até a Lua, onde poderá

viver com conforto sem nunca mais precisar trabalhar.

O coelho ficou muito feliz e aceitou o convite, mas não queria ficar sem fazer nada no céu. Lá do alto, ele poderia ver tudo aqui na Terra. Por isso, pediu permissão para fazer bolinhos de arroz recheados com feijão azuki para todos os que tivessem fome no mundo.

Assim foi feito. E nas noites mais claras, pode-se ver na Lua o bondoso coelho preparando bolinhos aos que sonham com um prato de comida.

URASHIMA TARO



Em uma pequena vila de uma distante praia do Japão, vivia um jovem chamado Urashima Taro. Seu pai era pescador e com ele o jovem Taro aprendeu a pescar melhor do que qualquer outro. Porém, o garoto não era conhecido apenas por ser bom pescador, mas, sim, por ter um bom coração. Ele era o orgulho do pai, que sempre ficava feliz ao ver as redes do filho cheias, porque significavam o trabalho bem feito. E também era a alegria da mãe, que sempre recebia o carinho do filho, como quem sabe fisgar o amor.

Em um final de tarde de verão, o jovem Taro caminhava pela praia, quando viu três meninos perturbando uma tartaruga.

– Vamos puxar a cabeça dela pra fora! – disse um.

– Só consegui puxar o rabo! – disse outro.

O terceiro batia na carapaça da pobre criatura com uma pedra.

– O que estão fazendo, meninos? Parem com isso! Pobre tartaruga! – Urashima tentou interromper a crueldade.

– E por quê? Nós achamos a tartaruga e ela é nossa agora!

Então, podemos fazer o que quisermos com ela! – o menino mais velho respondeu, com o apoio dos outros dois.

– Ah, é? Eu os encontrei aqui na praia, não foi? Então, vocês são meus? Isso me dá o direito de fazer com vocês o mesmo que estão fazendo com a tartaruga? Gostariam disso?

Os meninos olharam um para o outro. Ainda assim, não largaram a tartaruga. Urashima então continuou:

– Podem me dizer o que a pobre tartaruga fez a vocês três para merecer esse tratamento tão cruel?

– Ah... Nada! – o menor dos meninos respondeu, um tanto envergonhado.

– É que a gente queria ver a cabeça dela pra fora – justificou o mais velho.

– Ah! Por isso? Vou mostrar uma coisa...

Urashima pegou a tartaruga e a colocou perto do mar. Depois, pediu para os meninos se afastarem um pouco e esperarem. Logo depois, a tartaruga colocou a cabeça para fora e, lentamente, voltou para o oceano.

Os meninos ficaram felizes por terem visto a cabeça da tartaruga, que a havia esticado o mais que podia em sua caminhada rumo ao horizonte. Tudo era uma questão de esperar pelo tempo certo... E todos voltaram para casa, satisfeitos.

Alguns dias depois, quando Taro estava na praia a caminho de uma pescaria, ouviu uma voz suave, que parecia navegar nas ondas do mar:

– Taro! Urashima Taro! Urashiiiima...

O jovem pescador olhou ao redor. Não avistando ninguém por perto, perguntou ao vento:

– Quem me chama?

Surgindo do mar, a tartaruga se arrastou lentamente através da espuma das ondas, respondendo:

– Sou eu, a tartaruga que você salvou naquele dia... Eu moro no fundo do mar, em um lindo palácio, onde reina a Princesa do Mar. Contei sobre o seu gesto de bondade e ela ficou muito feliz com isso. Então, a Princesa me pediu para convidá-lo para conhecer o palácio dela.

– Oh! Eu sempre quis conhecer o fundo do mar!

A tartaruga pediu para Taro se agarrar à sua carapaça e, assim, os dois mergulharam para as profundezas do oceano. Taro ficou surpreso, porque ele conseguia respirar debaixo da água, como se fosse um peixe. Mas nenhuma surpresa poderia ser maior do que a visão do palácio da Princesa do Mar!

Torres de corais de todas as cores surgiram por todos os lados. Telhados de milhares de conchinhas se estendiam por sobre paredes de cristal cintilantes, das quais pendiam pérolas perfeitas, negras e brancas. De fato, havia sido dito que não poderia haver surpresa maior do que a visão do palácio. Porém, devemos aqui corrigir isso, porque havia, sim, surpresa ainda maior para o jovem Taro: a visão da própria Princesa do Mar. Seria difícil descrevê-la, mas pode-se tentar dizer que ela era como a brisa de um dia de verão, como as folhas de todos os outonos, como a alvura da neve de muitos invernos e, sobretudo, como o perfume da primavera mais florida.

– Urashima! Urashima Taro! A tartaruga me contou sobre o

seu bondoso gesto. Que alegria recebê-lo aqui! Por favor, preparamos um banquete de agradecimento. Venha!

A princesa conduziu Urashima pela mão a um grande salão. Uma longa mesa exibia as mais finas iguarias, de sabores que nenhum humano jamais havia experimentado.

Tudo era incrível e novo naquele reino marinho, de tal forma que Urashima foi ficando e ficando, sem se dar conta de que os dias passavam rapidamente. A princesa e toda a corte, incluindo a tartaruga, o tratavam tão bem que era difícil sequer pensar em partir.

Porém, nos arredores do palácio, havia um jardim no qual Taro ainda não havia entrado, tão grande era o reino da Princesa do Mar. Ao entrar nele, ficou surpreso por ver uma paisagem idêntica à da superfície. O mais surpreendente não foi ver apenas as árvores terrestres no fundo do mar, mas o que lhe chamou a atenção era que, do ponto em que estava, podia ver, ao mesmo tempo, todas as estações!

Olhando para a frente estava o mais belo de todos os verões, e sentiu na pele o Sol que tantos dias lhe acariciou. Olhou para um lado e viu o outono, as folhas vermelhas, marrons e amarelas, algumas se despedindo dos galhos. Para trás estava o

inverno e seu manto branco e sereno. Por fim, do outro lado, estava a primavera. As cerejeiras floridas eram tantas e tão belas que lembraram Urashima de sua querida mãe, que adorava ver as pétalas rosadas ao vento. Em seguida, lembrou-se do pai. Estaria ele pescando

o suficiente para viverem bem, sem a sua ajuda? Taro sentiu saudade... Era hora de voltar.

– Querida Princesa do Mar, agradeço por ter me recebido tão bem em seu reino. Nunca irei me esquecer de sua hospitalidade e carinho.

A Princesa olhou com ternura para o jovem pescador e disse:

– Querido Urashima Taro, despedidas são muito difíceis. Não há dor maior... Então, eu gostaria que você levasse esta caixa. Se quiser voltar aqui, segure-a fechada e pense em mim. Mas atenção! Se abri-la, outra coisa irá acontecer! Cada pessoa pode encontrar nela algo diferente. Cuidado, muito cuidado se decidir abrir a caixa. Você poderá encontrar muita tristeza e dor dentro dela. Muitas pessoas se arrependeriam amargamente, acaso a abrissem...

Urashima agradeceu mais uma vez e partiu nas costas de sua

amiga tartaruga, que parecia ter crescido.

Ao chegar à superfície, caminhou pela praia, correndo em direção à sua casa. Porém, se perdeu. Olhou ao redor e percebeu que as coisas pareciam estar diferentes. Olhou mais uma vez e não reconheceu nenhuma das pessoas da vila. O que estaria acontecendo? Perguntou para uma mulher que passava:

– Por favor, sabe onde fica a minha casa? – Urashima percebeu que ela não sabia quem ele era, então continuou. – A casa de Urashima Taro!

– Urashima Taro? Nunca ouvi falar...

Perguntou para várias pessoas, e nenhuma delas o conhecia. Até perguntar a um velho sentado em um tronco na praia e receber esta resposta:

– Urashima Taro... Urashima... Ah! Sim, meu bisavô me contou a história de um jovem pescador, que na época era muito querido, mas que, infelizmente, desapareceu no mar há muito, muito tempo...

Foi então que Urashima entendeu tudo. Os poucos dias que pensou ter passado no fundo do mar correspondiam na verdade a muitos anos na superfície. Apenas o mar e as montanhas

permaneceram, mas todas as pessoas haviam partido. Sua mãe, seu pai...

O jovem pescador caminhou pela praia, sem saber para onde ir. Confuso, só então percebeu que ainda carregava a caixa que a Princesa do Mar havia lhe dado. Com ela, poderia voltar ao palácio. Mas não era isso o que desejava. O que queria era ver a sua vila de novo, seus amigos, seus pais, sua vida.

– A Princesa disse que eu devia ter muito cuidado se decidisse abrir esta caixa, que eu poderia me arrepender amargamente. Mas, talvez, tudo esteja dentro dela, meus pais, minha vila...

Urashima resolveu arriscar. Abriu a caixa... De dentro dela, saiu uma névoa misteriosa que o envolveu totalmente. Quando ela se dissipou, ele olhou para as mãos e viu que estavam enrugadas. Sentiu as costas se dobrando. Uma longa barba branca havia crescido.

O que a caixa guardava eram todos os seus anos em que havia passado no fundo do mar...

Urashima Taro sentou-se no mesmo lugar em que, um dia, havia encontrado a tartaruga. Pensou em todo o tempo perdido, em como havia desperdiçado sua vida, e chorou.

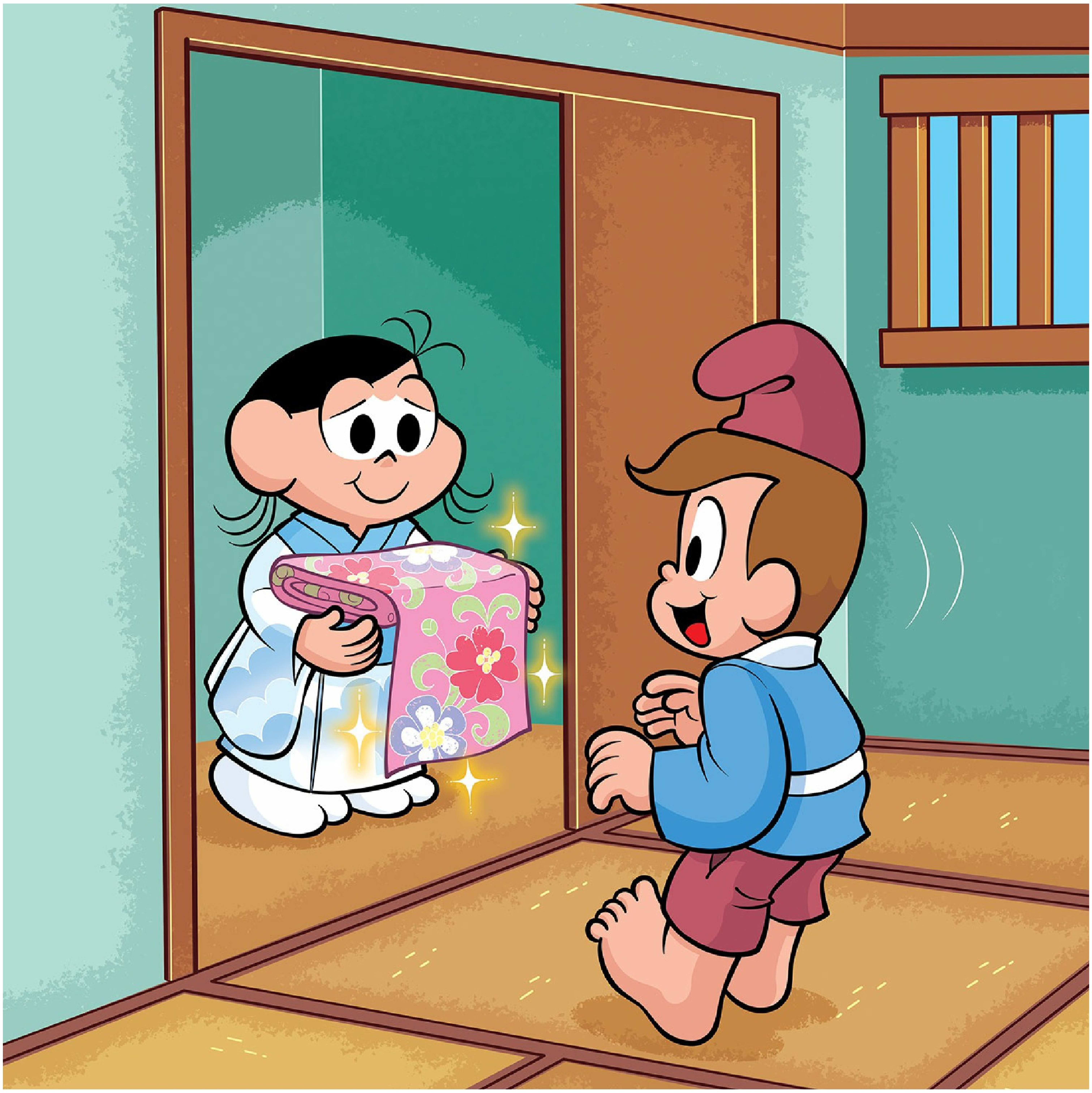
Enquanto chorava, avistou um garotinho e um homem na beira da praia, onde as ondas lavavam as memórias. Ouviu claramente a palavra “filho” e o homem ensinando o menino a colocar uma isca no anzol.

Em seguida, uma mulher gritou lá atrás, chamando os dois para o almoço. Quando Taro olhou em direção ao chamado, viu que as cerejeiras estavam floridas e o vento carregava as pétalas, uma a uma, delicadamente. Assim havia sido a sua vida.

Por fim, Urashima Taro olhou para o céu e entendeu que havia vivido exatamente pelo tempo necessário para ser feliz...

E foi assim que o mar carregou o seu sorriso.

A GRATIDÃO DA GARÇA



Era um rigoroso e branco inverno. Um jovem camponês percorria os campos gelados, com esperança de encontrar comida, algum resto da fraca colheita que teve naquele ano. Mas o que encontrou em sua busca foi apenas uma garça ferida, caída na neve. Uma flecha havia ficado enroscada à sua asa. O jovem não teve dificuldade para tirar a ponta porque a seta estava presa mais às penas do que à carne. De qualquer forma, se ele não tivesse aparecido, a pobre garça teria morrido congelada.

– Pronto, pronto... Acho que você já vai conseguir voar agora – disse o camponês, ajudando a garça a se levantar.

A ave esticou as asas e voou, dando três voltas ao redor do jovem antes de sumir na alvura da paisagem. Ainda com fome, mas feliz por ter salvado a garça, o camponês voltou para a sua choupana.

Na manhã seguinte, acordou com batidinhas na porta. Ao atender o chamado, ficou surpreso ao ver uma bela moça vestida de branco.

– Por favor, estou perdida e não consigo voltar para casa. Posso me abrigar aqui por um tempo?

O jovem camponês não conseguiu recusar, bondoso que era. Um tanto sem jeito, disse:

– Claro! Só peço desculpas por não ter nada além de um teto para lhe oferecer, pois, ontem, acabou-se o último grão de arroz desta casa.

A moça sorriu e disse:

– Tenho aqui um pouco de comida, para uns dois dias. Depois, posso fazer alguns tecidos para vender no mercado. Assim, poderíamos comprar comida. O que acha?

– Como, se não temos fio nem tear?

– Posso arranjar tudo, preciso apenas de um quarto e o resto eu farei. Mas, por favor, não me faça perguntas, nem tente descobrir como consigo tecer. Você promete?

O camponês concordou e preparou um pequeno cômodo para a mulher, onde ela ficou por três dias e três noites. Mesmo preocupado, o jovem não espiou nem a interrompeu, porque assim havia prometido. Bastava-lhe ouvir o som de um tear para que imaginasse que tudo deveria estar bem. Até que o som parou e, em silencioso mistério, saiu a moça do quarto.

Ela segurava o mais belo dos tecidos: delicado, brilhante, macio e de tantas qualidades que seria impossível descrevê-lo.

Tão impressionado ficou o camponês com o tecido, que nem percebeu que a moça estava exausta. Agradeceu por ele e não teve dificuldade em vendê-lo por um alto preço. A mesa passou a ficar farta por aqueles dias.

A moça continuava a tecer, mas, a cada vez que terminava uma peça, ficava mais fraca. Até que, um dia, disse ao jovem:

– Desculpe, mas preciso de um tempo para descansar...

O camponês havia se acostumado com a mesa farta e por isso ficou preocupado. E se ela nunca mais fizesse outro pano? Pediu, então, que a moça tecesse mais uma vez antes de descansar. Mesmo exausta, assim ela o fez. O que o jovem queria era descobrir como a moça conseguia fazer os tecidos.

"Quem sabe, poderei ajudá-la na tarefa", pensou o camponês. Ele tentava apenas se justificar, mas o que queria mesmo era descobrir, por mera curiosidade, o que acontecia escondido naquele quarto. Ao som do tear, abriu vagarosamente a porta para espiar...

Para a sua grande surpresa, viu uma garça branca, que

arrancava as próprias penas para tecer. Não conseguiu segurar sua boca e soltou uma palavra de espanto. A garça, então, virou-se e descobriu o jovem camponês parado à porta.

– Sim, eu sou a garça que você salvou. Em retribuição, queria muito ajudá-lo também, porque sabia que estava passando fome. Agora que descobriu a minha verdadeira forma, não posso mais ficar. A nenhum homem é permitido saber que animais possuem os mesmos sentimentos de qualquer ser humano, incluindo a gratidão...

Com lágrimas nos olhos de ambos, a garça entregou a última peça ao camponês antes de voar e desaparecer, para sempre, no horizonte ainda mais gelado daquele triste dia.

O camponês nunca vendeu a última peça da garça agradecida, vestindo-a até os seus últimos dias, para que nunca mais se esquecesse de que a gratidão é um sentimento que nada exige. Porque, para ser feliz, basta apenas ter a gratidão no coração, tecendo os nossos dias, sem qualquer explicação...

POR QUE O OGRO VERMELHO CHOROU?

Em um canto das montanhas de um tranquilo vilarejo no Japão, vivia um ogro vermelho. O único amigo que tinha, o ogro azul, só o visitava uma vez por mês. Por isso, era um tanto solitário viver por ali. Certo dia, cansado de tanta solidão, o ogro vermelho teve uma ideia. Em uma tabuleta em frente à sua casa, escreveu:

"SEJAM TODOS BEM-VINDOS! VENHAM COMER DOCES GOSTOSOS E TOMAR UM CHÁ QUENTINHO! ASSINADO: OGRO AMIGO."

– Logo, logo a casa ficará cheia de amigos! Vou já preparar tudo para receber cada um deles com muito carinho! – o ogro vermelho comemorou.

Depois que terminou de preparar as guloseimas e esquentar a água para o chá, sentou-se e esperou. E esperou. E esperou. Mas ninguém veio...

O que o ogro não sabia é que todos ficaram desconfiados de tanta gentileza, ainda mais vinda de um ogro que vivia sozinho. "Deve ser uma armadilha para ele nos devorar", disse um. "Com certeza, alguma coisa de ruim ele vai fazer com a gente. Afinal, é um ogro!", disse outro.

Depois de beber o chá e comer os doces sozinho, ele continuou a olhar pela janela à espera. Finalmente, avistou alguém vindo. Ficou feliz, mas logo se deu conta de que era o seu amigo ogro azul quem chegava.

– Ah... É você, ogro azul...

– Sim, claro que sou eu! Quem você esperava, o Coelho da Lua por acaso? – riu o amigo.

– Você viu a tabuleta que coloquei? Estou triste. Você acredita que ninguém apareceu? Sou tão sozinho! – lamentou o amigo vermelho.

Quem geralmente tinha planos mirabolantes era o ogro vermelho, mas, dessa vez, quem teve um foi o ogro azul:

– Ninguém gosta de ogros, meu amigo... Mas tenho um plano para gostarem de você! Vamos fazer o seguinte: vou descer ao vilarejo e causar a maior confusão. Vou quebrar tudo o que encontrar e assustar todo mundo! Aí, quando todos estiverem bem assustados, você aparece e finge que me dá uma surra! Eu fujo e todos vão pensar que você é um herói! E, ao contrário de ogros, todos gostam de heróis!

Diferente do que acontecia com os planos do ogro vermelho,

o plano do ogro azul funcionou muito, muito bem! Tão bem que todos queriam visitar a casa do herói vermelho que salvou o vilarejo do terrível vilão azul. Assim, o ogro vermelho fez grandes e divertidas festas para os seus novos amigos. Estava muito feliz! Tão feliz que nem percebeu que já fazia alguns meses que seu amigo, o ogro azul, não aparecia. Só depois de quase um ano sentiu a sua falta.

– Puxa, onde andará aquele bobão azulado?

O ogro vermelho se deu conta de que nunca havia visitado o ogro azul. Era sempre ele quem recebia a visita. "Como faço para visitá-lo?", pensou. Então, lembrou-se de que, certa vez, o ogro azul havia escrito o endereço dele em um pedaço de papel:

"Amigo ogro vermelho, sempre que quiser, venha me visitar! A minha casa fica na quinta montanha depois da curva do terceiro rio a oeste, ao lado do bosque dos pinheiros cantantes."

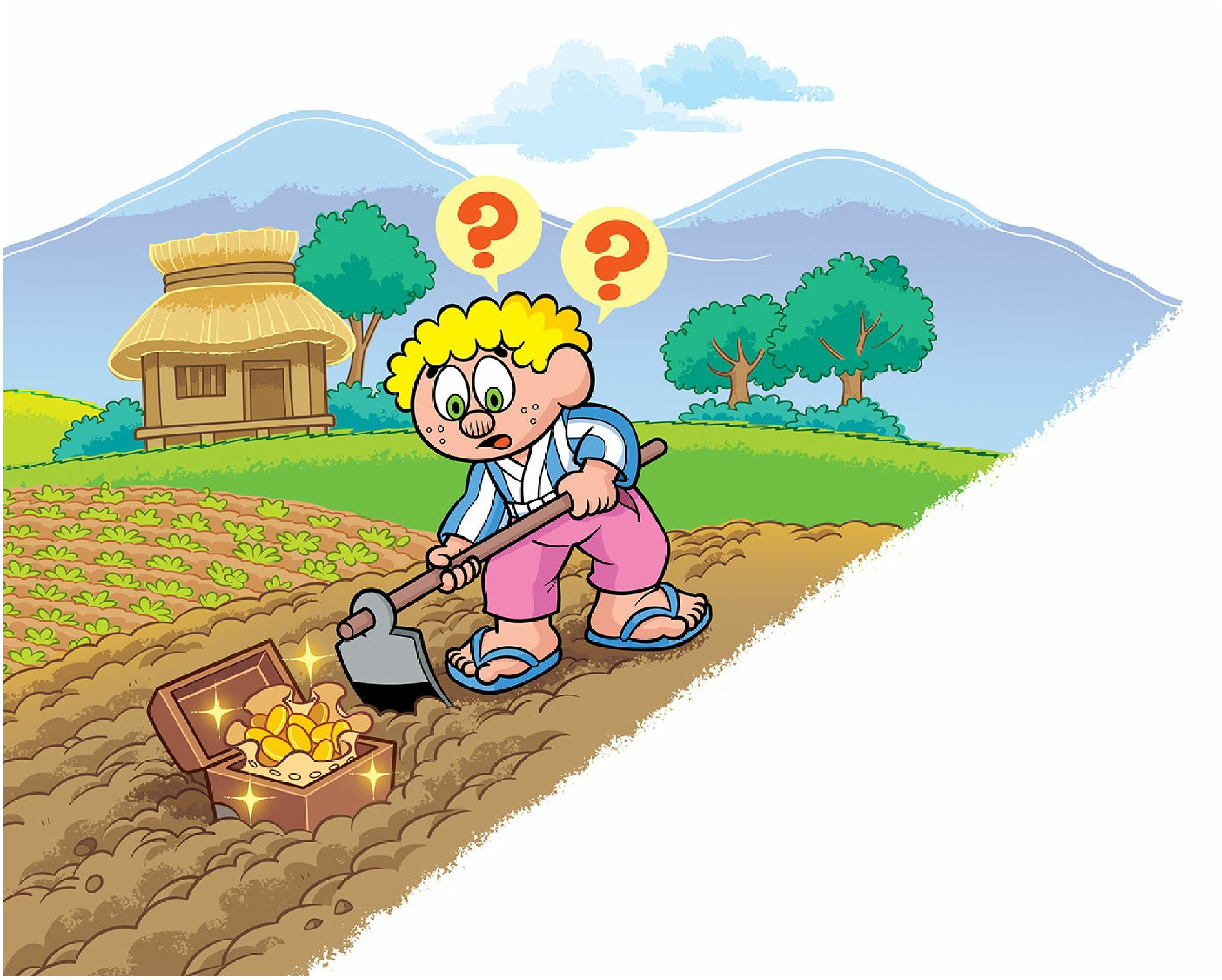
Além das instruções, havia um mapa bem detalhado. Com certeza, o ogro azul queria muito que o amigo o visitasse. E finalmente o ogro vermelho fez isso. Depois de uma longa viagem, ao chegar à casa do ogro azul, só encontrou um bilhete pregado na porta:

“Querido ogro vermelho, não sei se algum dia virá aqui. Mas, se vier, não quero que fique me esperando, assim como esperei pela sua visita por tanto tempo. Peço desculpas por não ter ido mais à sua casa. É que, quando fui da última vez, havia muitos moradores do vilarejo em festa com você. Se eles me vissem, iriam fugir. E sua casa ficaria vazia de novo. Percebi que não poderíamos mais ser vistos juntos. Como não tinha mais você para visitar, fiquei muito triste. Então, fui em busca de um novo amigo, para não ter que ficar sozinho todo o tempo. Muito obrigado por todos os anos em que me recebeu em sua casa. Foi sempre muito bom. Seja feliz. Do seu sempre amigo, mesmo que distante, o ogro azul.”

O ogro vermelho percebeu que nunca esteve sozinho afinal, porque sempre teve um bom amigo que o visitava, mesmo morando tão longe. E por morar tão longe é que ele só conseguia visitá-lo uma vez por mês... “Como não percebi que tinha um amigo tão bom? Como pude ser tão egoísta e nunca ter visto que o ogro azul também esperava por uma visita em sua casa, como eu?”, lamentou o ogro vermelho. Sentiu muita, muita saudade do velho amigo!

E foi por isso que o ogro vermelho chorou...

BOBO SABURO



Em um distante vilarejo, vivia um garoto chamado Saburo, que ganhou o apelido de Bobo. Bobo Saburo. Não era um apelido legal, nem um pouco, mas o que ele podia fazer? Aliás, de fazer as coisas ele sabia mesmo pouco, porque Saburo

só sabia fazer a última coisa que lhe diziam para ser feita.

E lá vinha o pai pedir algo:

– Saburo, hoje preciso que você vá até a nossa plantação. Por favor, arranque as batatas e espalhe todas pelo chão para secarem ao Sol, entendeu?

– Sim, papai. Entendi tudinho.

Saburo era um menino muito bonzinho e obediente, por isso, fez exatamente o que o pai lhe pediu. Estava arrancando as batatas da terra e espalhando-as pelo chão, quando sua enxada fez "pam". Era um velho baú enterrado há muito tempo. Dentro dele havia muitas moedas de ouro, um verdadeiro tesouro! O que Saburo devia fazer com elas? Saburo pensou e pensou e só se lembrou das ordens do pai: "Espalhe tudinho pelo chão". Foi o que fez.

Já de volta, contou aos pais sobre as moedas e de como tinha sido obediente, espalhando-as pelo chão. Na mesma hora, pediram para o menino os levar até as moedas. Mas, quando chegaram, já era tarde demais. Alguém tinha passado antes e levado todo o tesouro...

– Saburo, meu filho, quando encontrar algo na plantação, pegue com cuidado e traga pra casa, ouviu bem?

– Sim, papai. Ouvi bem.

Outro dia amanheceu, e Saburo encontrou algo novo na

plantação: um cachorro sujo e fedorento. “O que eu devo fazer mesmo quando encontro algo na plantação?” O menino pensou e pensou, até se lembrar das palavras do pai: “Traga pra casa”. Foi o que fez.

– O que é isso, Saburo? – perguntou o pai, zangado. – Pobre cão, nem ele deve estar aguentando o próprio cheiro! Vá até o rio e lave essa coisa suja.

Outro dia, nova descoberta: um tronco de árvore, todo coberto de lama. “E agora, o que devo fazer?” Saburo pensou e pensou e as palavras do pai lhe vieram bem claras: “Vá até o rio e lave essa coisa suja”.

E lá foi Saburo, rolando o tronco pelo caminho, até alcançar o rio e “tchibum”. Nessa hora, um homem que passava lhe disse:

– O que está fazendo, menino? Por que jogou essa tora no rio? Você poderia ter feito lenha para todo o inverno com ela! Da próxima vez, corte tudo em pedaços e leve para a sua mãe. Ela vai ficar contente.

– Entendi, senhor – respondeu Saburo com um sorriso.

Mais um dia, mais uma descoberta na plantação: um lindo

conjunto de porcelana, com bule e tigelas de chá. "Agora não vou errar, nem preciso pensar", mas Saburo já tinha pensado nas palavras do homem que encontrou na beira do rio: "Corte tudo em pedaços e leve para a sua mãe". Foi o que fez.

– Veja, mamãe!

Saburo esperava pelo sorriso da mãe, mas só recebeu dela isto:

– Seu bobo, o que você fez? Quebrou o bule novo e as duas tigelas que deixei para você e seu pai tomarem um chá no descanso do trabalho!

E o pai, que tinha acabado de chegar, completou:

– Você só faz coisa errada! Então, por favor, não faça mais nada!

Saburo não entendeu por que os pais estavam tão chateados com ele. Sozinho no quarto, suspirou:

– Uai! Faço tudo o que as pessoas me pedem para fazer. Mas como vou fazer isso de não fazer nada? As pessoas é que não sabem direito o que querem... E o bobo sou eu?

TERU TERU BOZU

Era o mais chuvoso tempo que aquela aldeia havia sofrido. Com tanta chuva, os campos estavam tão encharcados que toda a colheita estava para ser perdida. As águas dos rios começaram a subir e a subir, chegando à porta das casas dos aldeões. Todo

mundo estava desesperado, sem saber o que fazer para evitar o desastre que subia palmo a palmo a cada pingo.

Foi então que alguém se lembrou de um monge que vivia no alto de uma montanha, longe de qualquer nascente de água. Todos acreditavam que ele tinha poderes para afastar qualquer líquido, porque nunca gota alguma o havia tocado.

– Vamos ver o monge e pedir para que ele pare essa chuva – disseram várias pessoas, cada uma a seu modo, algumas com mais esperança, outras por puro desespero.

Subiram então pela encosta úmida, levando cada qual um presente ao monge. Há muito tempo ele não recebia visitas, justamente porque não tomava banho e seu cheirinho já não era dos melhores. Mas ninguém se importou com o mau cheiro, porque o momento era desesperador e ele era a última esperança do vilarejo.

– Por favor, caro monge, reze por nós, para que a chuva pare! Sabemos que tem o poder de afastar qualquer água de si, então afaste também a água que cai do céu sem trégua.

– Mas eu não cons... – o monge dizia que não era capaz de fazer isso, quando foi interrompido por algo tentador.

– Para isso, trouxemos vários presentes, já como agradecimento.

– Presentes? – o monge arregalou os olhos.

Nunca havia ganhado presentes. E havia muitos deles ali. A tentação foi tão grande que o monge aceitou rezar. Afinal, que mal isso faria? Estava acostumado mesmo a fazer isso de graça.

Os aldeões deixaram os presentes na casa do monge e voltaram animados para o vilarejo. Porém, a chuva não parou. Pelo contrário, começou a cair mais e mais forte. Até que as ruas e casas foram inundadas e a colheita, totalmente destruída.

Sentindo-se enganados, os aldeões voltaram a subir a montanha em busca do monge.

– Você vai ter que aprender uma lição! Vamos colocar você agora mesmo naquela árvore, para que aprenda a nunca mais enganar ninguém!

– Eu disse que rezaria para pedir que parasse de chover, e não que os céus escutariam a minha prece. Eu rezei! – defendeu-se o monge.

Os aldeões não queriam saber de justificativas. De cada lado,

um deles segurou o monge, para arrastá-lo para fora.

– Não! Por favor, está chovendo! Não quero me molhar!

– Talvez assim você faça parar de chover! – esbravejaram.

O mais velho dos aldeões chegou nesse instante, interrompendo o grupo:

– Vocês não têm vergonha do que estão fazendo? Acham mesmo que os céus ficarão felizes com tamanha maldade? Afinal, o que vocês pediram para o monge fazer?

– Pedimos para que ele fizesse a chuva parar.

– Eu me lembro muito bem. Vocês pediram para que ele rezasse para a chuva parar... E rezar é esperar pelo melhor com esperança, pedir com humildade para que nossa prece seja atendida. Não é forçar ninguém a fazer algo por nós. Vocês deviam ter vergonha!

– Mas... e os presentes que demos?

– Presentes são isso: presentes. Não se dá um presente em troca de outro presente. Se assim for, não é presente, oras – o velho disse.

Envergonhados, os aldeões soltaram o monge, que teve uma ideia, dizendo:

– Sei que estão bastante chateados... Sinto muito. Vou fazer um boneco de mim mesmo, assim vocês poderão pendurá-lo em alguma árvore, como se estivessem me castigando.

Os aldeões acharam a ideia boba, mas não tinham mais o que fazer por ali. O monge fez um boneco bem simples, apenas uma bolinha embrulhada com um pano branco um tantinho comprido. Pintou dois olhinhos, um sorrisinho e pronto.

Debaixo de chuva, os aldeões desceram desapontados, mas, mesmo assim, penduraram o boneco nos portões de entrada do vilarejo. Já nem estavam com raiva nem nada. Quando fizeram isso, milagrosamente, a chuva parou...

Talvez tenha sido apenas coincidência. Talvez tenha sido o sentimento de gratidão do monge por ter sido poupado. Talvez tenham sido essas e tantas outras coisas sem explicação. O fato é que, a partir daquele dia, essa história se espalhou por todo o Japão ao longo dos séculos.

E até hoje as crianças, que sempre são as que têm mais esperança, continuam a fazer e a pendurar esses bonecos, que

apelidaram de Teru Teru Bozu, que significa “Brilha, Brilha, Monge”, para que a chuva pare e elas possam brincar lá fora, em um brilhante dia de Sol, assim como o monge gostava de fazer...

MOMOTARO

ももたろう

Nas terras de Okayama, vivia um casal sem filhos que desejava muito uma criança. Em um dia como outro qualquer, enquanto o marido foi buscar lenha na floresta, a mulher foi lavar roupas no rio.

Lavando, lavando, ela percebeu um grande pêssego descendo a correnteza. Era o maior que já tinha visto em toda a sua vida! E o pêssego dirigiu-se exatamente até o ponto em que a mulher lavava as roupas.

– Que presente maravilhoso o rio me trouxe!

Ela pegou a fruta aveludada e a levou até a sua casa, onde esperou pelo marido, para juntos saboreá-la.

Quando ele chegou, ficou também surpreso e feliz.

– Vamos abrir já esse lindo pêssego! – disse o homem, pegando a faca.

Nesse instante, a fruta se partiu sozinha e, de dentro dela, um menino da cor do pêssego saltou, dizendo:

– Não fiquem com medo, por favor. Os céus viram o quanto vocês queriam um filho e, por isso, decidiram me enviar...

O casal, emocionado, abraçou a pequena criança. E, naquele abraço, o menino foi adotado, recebendo o nome de Momotaro, que significa “Menino-Pêssego”.

Foram tempos de muita alegria entre pais e filho, só interrompidos quando alguns onis, criaturas de uma distante ilha, vinham saquear o povoado. Era terrível! Nem os pobres eram poupados dos roubos.

Quando Momotaro cresceu e ficou um pouco mais forte, decidiu ir até a ilha dos onis para acabar com aquele sofrimento. Os pais ficaram com medo e não queriam que o filho fosse até lá, mas Momotaro disse que queria ir, em agradecimento por ter sido tão amado durante todos aqueles anos. Por fim, os pais aceitaram, e o Menino-Pêssego se preparou para a jornada.

– Meu filho, use esta espada e armadura que todos nós do povoado conseguimos comprar, juntando o que nos restou dos saques dos onis – disse o pai, orgulhoso.

– Fiz kibidango para você comer durante a viagem, meu filho. São bolinhos feitos com todo o meu amor e carinho – disse a mãe, com ternura.

– Pai, mãe, obrigado! Voltarei em breve! – disse Momotaro,

confiante.

Depois de muitos abraços, o Menino-Pêssego partiu. Já havia caminhado uma longa distância, quando um cachorro apareceu rosnando, impedindo o seu caminho. Momotaro disse:

– Oi, cachorrinho! Quer kibidango? Vamos ser amigos?

O cachorro sentiu o cheiro delicioso do bolinho feito pela mãe de Momotaro. Não poderia haver coisa melhor, porque ali estava a mão do amor. Então, abanou o rabo e aceitou o presente.

– Cachorro, estou indo para a ilha dos onis, para que ninguém mais seja atacado por eles.

– Au, au – latiu o cãozinho, balançando a cabeça para confirmar que iria com o seu novo amigo.

Momotaro ficou feliz e logo eram dois amigos a caminho da ilha dos onis. Um pouco adiante, um macaco apareceu guinchando e atirando pedras nos dois. Momotaro disse:

– Macaco, quer kibidango? Vamos ser amigos?

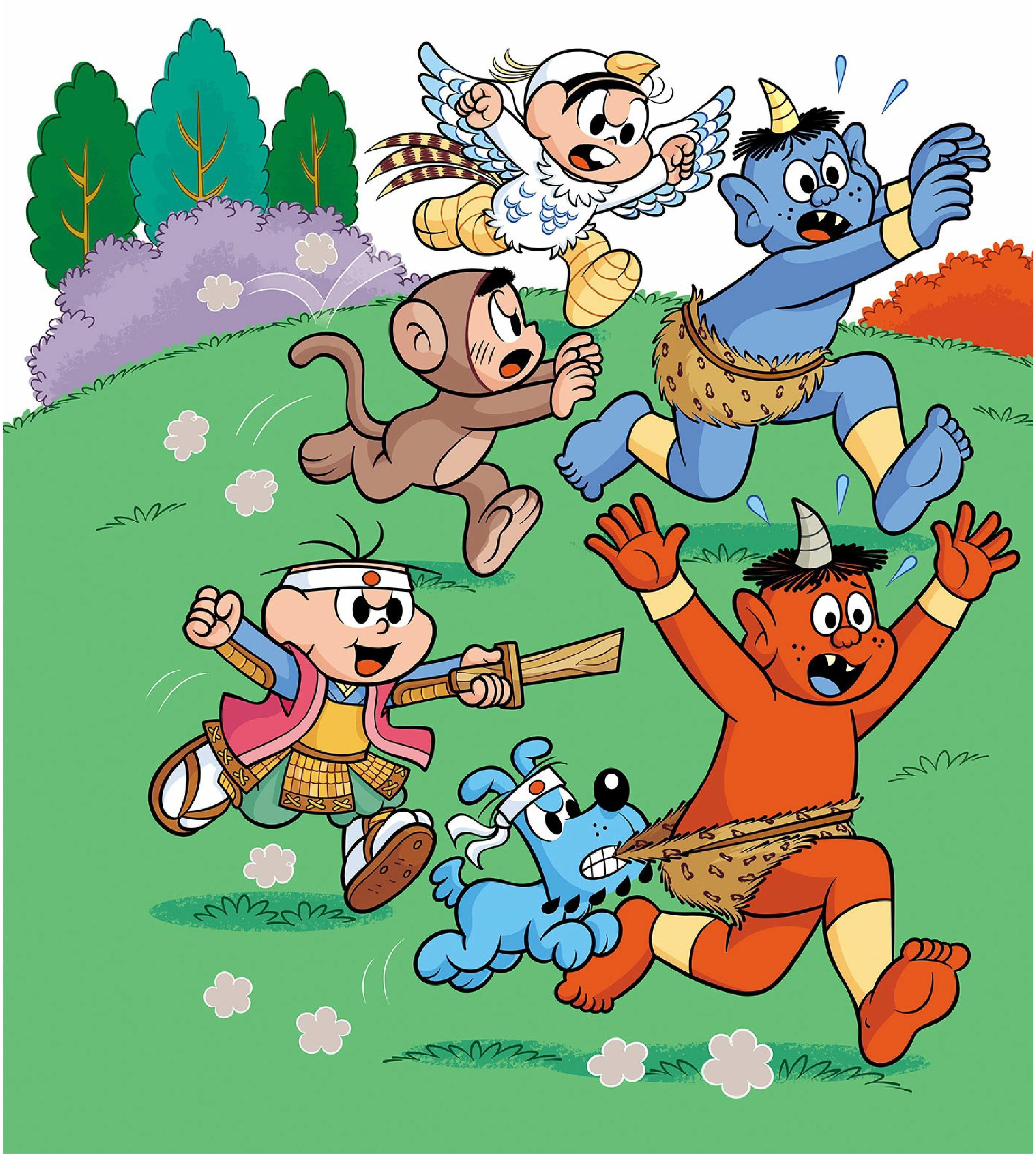
Mais uma vez, o delicioso bolinho fez a sua mágica e logo

eram três amigos a caminho da ilha dos onis. E, uma vez mais, outro animal os atacou logo adiante, um faisão, que os bicava do alto, dando voos rasantes.

– Faisão, quer kibidango? Vamos ser amigos?

E logo eram quatro amigos a caminho da ilha dos onis...

Ao chegarem à praia, começaram a construir um barco. Sozinho teria sido difícil para Momotaro construir a jangada, mas, com amigos, foi até bem fácil. Cada um tinha sua habilidade. O macaco ajudava a arrastar os troncos secos caídos com Momotaro, o cachorro cortava os cipós com os dentes e o faisão, voando, amarrava as toras. Trabalho em equipe bem feito, partiram, finalmente, para a ilha dos onis!



Desembarcando na ilha sinistra, nada temeram, porque estavam juntos e tinham um plano infalível. A fortaleza era enorme, mas não podia impedir o voo de um pássaro. O faisão

entrou facilmente e, com o seu bico, acionou o mecanismo que abria o gigantesco portão. O macaco entrou primeiro, causando grande bagunça com a sua habilidade de fazer macaquices, saltando de um lado para outro. Em seguida, aproveitando-se da confusão, surgiu o cachorro, mordendo as canelas das criaturas. Por fim, lá estava Momotaro dominando o líder dos onis caído ao chão. Nenhum demônio jamais havia imaginado que a fortaleza seria invadida, por isso, ficaram sem reação. Momotaro e seus amigos venceram.

Sentindo-se humilhados, os onis choraram. Momotaro os consolou, dando alguns bolinhos, que havia guardado para emergências como aquela. Acharam aquilo tão gostoso que sorriram. Então, Momotaro tirou do bolso um papel que sua mãe havia lhe dado. Nele havia a receita do delicioso kibidango. O Menino-Pêssego ensinou os onis a fazerem os próprios bolinhos, e eles aprenderam que era mais gostoso fazer kibidangos do que roubar.

Foi assim que Momotaro e seus bravos amigos retornaram triunfantes. Todas as mercadorias roubadas foram devolvidas aos seus donos, que, em sinal de gratidão, deram muitos presentes para Momotaro e seus pais, sem se esquecerem dos destemidos animais. Nunca mais os onis voltaram para saquear

as pessoas, porque na ilha já havia tudo o que desejavam. Afinal, não há nada melhor do que fazer algo tão bom quanto kibidangos com as próprias mãos...

SENHOR PALHA DA SORTE

Shobei era um jovem feliz que morava em um remoto e humilde vilarejo. Ninguém entendia por que ele sorria tanto, sendo tão pobre a ponto de não ter o que comer em alguns dias, assim como a maioria do povo. Diziam até que ele não tinha sorte... Shobei não ligava pra isso, mas uma deusa, vendo que ele tinha bom coração, resolveu ajudá-lo.

Uma voz celestial lhe soprou ao ouvido: "Shobei, só você saberá dar valor ao que irá encontrar hoje pelo caminho. Pois pegue então a primeira coisa que lhe cair em mãos."

O menino levou um susto, porque não sabia de onde a voz vinha. Saiu correndo e acabou tropeçando em um morro. Rolou e rolou e quando parou de rolar, ainda no chão, percebeu que tinha um fio de palha em sua mão.

Em vez de reclamar da queda, Shobei ficou encantado com o fino ramo de palha. Achou aquilo de uma grande sorte. Tanto foi que passou a andar feliz, agitando a palhinha no ar. E tão alegre era o movimento da palha que acabou atraindo uma libélula, que passou a voar ao redor dela sem parar.

– Vejam só! Que linda libélula! Gostou tanto da palha assim? Vou amarrá-la à sua cauda então. Vai ficar bem bonita!

Shobei continuou a andar, agora ao lado da libélula com a palha, até encontrar uma mãe segurando a mão de um menino que chorava. Ao ver a libélula dançando com a palhinha, o garoto parou com o chororô, de tanto que achou aquilo divertido.

– Mamãe, olha que linda! Eu queria tanto uma libélula igual!

Shobei não pensou duas vezes. Generoso, como sempre, disse ao garoto que ele podia ficar com a libélula, desde que cuidasse bem dela. Vendo o filho tão feliz, a mãe quis dar algo em troca. A única coisa que tinha era uma flor que havia apanhado no campo.

E foi a flor que Shobei recebeu com alegria, seguindo o seu caminho, até avistar um jovem tristonho sentado em uma pedra, que lamentava:

– Ai, ai de mim. Queria pedir minha namorada em casamento, mas sou tão pobre que não tenho nada a oferecer...

– Por que não dá esta beleza para ela? Tenho certeza de que ela vai gostar – disse Shobei, estendendo a flor.

O jovem tristonho sorriu ao ver a alegria de Shobei. Aquela flor parecia mesmo especial, porque especiais são as coisas dadas

com amor. Compreendendo isso, tão confiante e feliz ficou o jovem, que agradeceu a Shobei, dando-lhe três laranjas que havia colhido naquele dia.

E assim seguiu o jovem Shobei, fazendo malabarismo com as três laranjas, até encontrar um vendedor ambulante puxando uma carrocinha carregada de mercadorias.

– Estou com tanta sede. Puxei isso o dia inteiro e estou suando tanto... Vou desmaiar se não beber algo...

Shobei lamentou não ter água para oferecer, mas resolveu a questão dando as três laranjas para o vendedor, que as chupou com muito gosto.

E tão grato ele ficou que deu uma linda peça de seda a Shobei, que continuou contente o seu caminho.

Pouco tempo depois, uma rica carruagem parou ao seu lado, e de dentro desceu uma Princesa, que exclamou muito feliz:

– Oh! Que belo tecido! É justamente o que procurava. Em alguns dias, será o aniversário de meu pai... Ele, sendo o Imperador, já possui tudo o que pode ser comprado. Por isso, gostaria de dar algo feito pelas minhas próprias mãos. Pensei em um belo quimono, para vestir o meu pai de gratidão por tudo o

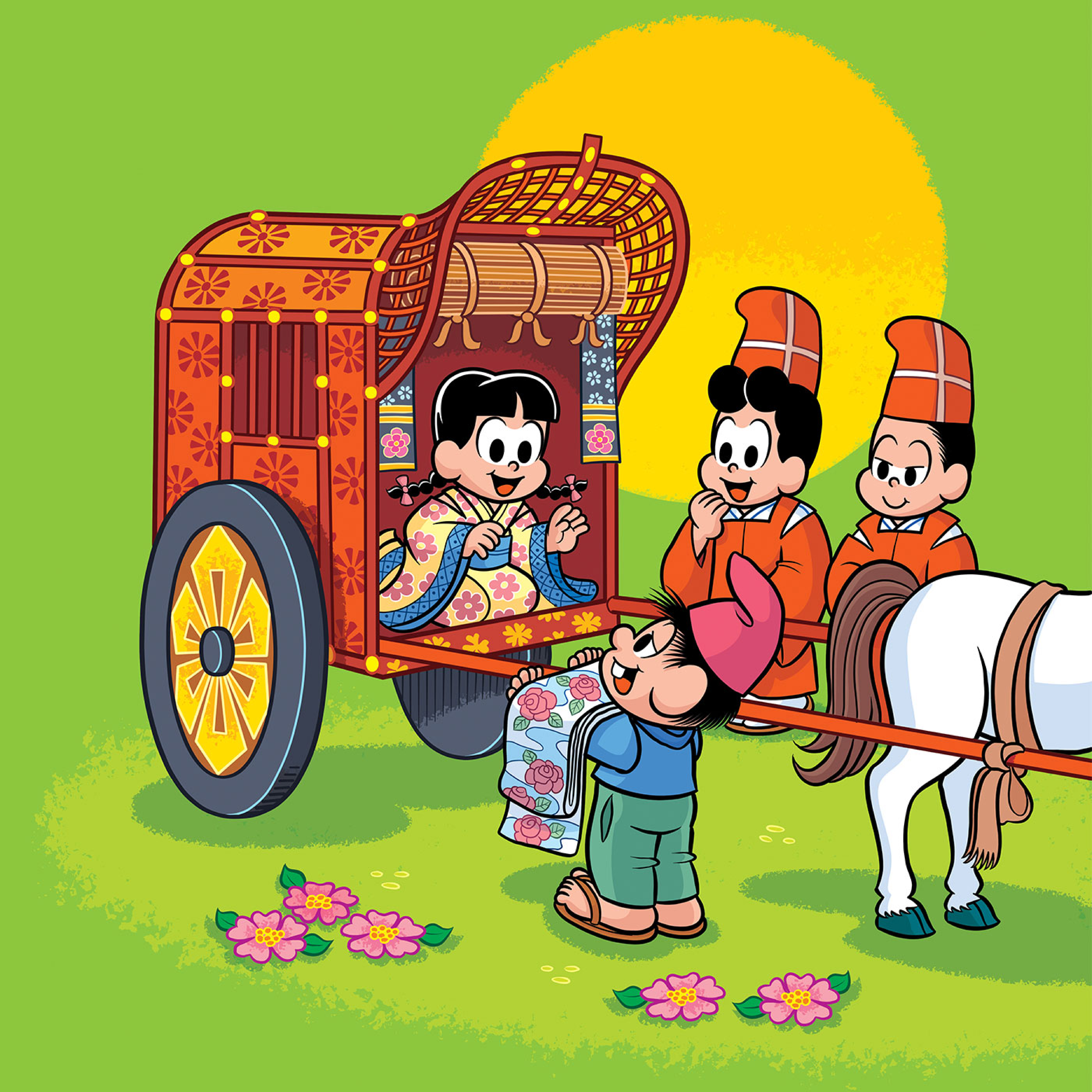
que ele já fez por mim.

Shobei ficou emocionado com o desejo da Princesa e deu alegremente o tecido a ela.

– Por favor, aceite esta joia em troca – a princesa estendeu a mais brilhante de todas as pedras preciosas.

Foi assim que Shobei vendeu a joia para comprar um enorme campo de arroz, que dividiu entre todos os moradores do vilarejo. Todos os camponeses ficaram gratos ao jovem, que ganhou o apelido de Senhor Palha da Sorte, porque só quem reconhece o valor das pequenas coisas sabe a grande sorte que tem.

E nas épocas de colheita, podemos ver os milhares de ramos de palha de arroz de Shobei acenando em gratidão aos camponeses, que nunca mais passaram fome.



A PRINCESA TECELÃ E O PASTOR DOS REBANHOS

Quando o tempo ainda não existia, o Imperador Celeste começou a criar as estrelas, pendurando-as no céu escuro para

que elas iluminassem

a noite. Também ainda não existiam as nuvens, que passaram a ser tecidas pela filha do imperador, a Princesa Tecelã. Era um trabalho gigantesco, porque a quantidade necessária de estrelas para iluminar o universo era infinita. Também a tarefa de tecer nuvens era árdua, pois o mundo a ser coberto por elas era muito grande. Assim, pai e filha trabalharam por muitos e muitos anos. Certo dia, porém, o Imperador Celeste percebeu que a Princesa Tecelã parecia muito pálida e cansada.

– Minha pequena Princesa, vejo que tem trabalhado demais. Que tal um descanso hoje? Aproveite para passear pela Via Láctea. Mas, por favor, volte amanhã, porque ainda temos muito trabalho a fazer – o Imperador sorriu.

A Princesa Tecelã ficou muito feliz. Há muito tempo desejava passear, molhando os pés no rio de estrelas da Via Láctea. E foi chapinhando os pés na luz estelar que a Princesa encontrou, nas margens do rio estelar, um menino pastor banhando um boi.

– Olá! Quem é você? – perguntou o garoto.

– Sou a filha do Imperador Celeste, a Princesa Tecelã. E você? Quem é? – perguntou a menina.

– Eu sou o Pastor dos Rebanhos, cuido de todos os animais celestes do Imperador. Muito prazer em conhecê-la.

As duas crianças se tornaram amigas naquele mesmo instante. Seguindo a correnteza de luz, brincaram muito, até que o Pastor pediu para a Princesa se sentar no lombo do boi, levando-a até a sua humilde casa, que ficava do outro lado da Via Láctea. E lá continuaram a brincar por um longo tempo. Tanto tempo que a Princesa Tecelã se esqueceu de que tinha que voltar para ajudar o pai na tarefa de tecer as nuvens.

Preocupado com a filha, o Imperador enviou uma garça para procurá-la e para lhe dizer que voltasse logo. A garça encontrou a Princesa brincando na margem da Via Láctea, mas a menina estava se divertindo tanto, que sequer deu atenção ao recado.

O Imperador, ao saber da desobediência da filha, foi pessoalmente buscá-la.

– Filha, veja só como o céu está incompleto ainda! As pessoas precisam que ele fique pronto, para que a noite não seja mais só escuridão e vazio. Precisam das nuvens e de suas chuvas também. Tanto a ser feito e você só pensa em si, brincando e se esquecendo do seu trabalho?! Como lição, você não vai mais poder brincar com o Pastor dos Rebanhos! Terá que ficar em

casa até terminar de tecer as nuvens!

Assim, o Imperador aumentou a largura da Via Láctea, despejando tantas estrelas nela, que se tornou impossível cruzá-la de uma margem a outra. Como a Princesa e o Pastor moravam em margens opostas, nunca mais conseguiriam se ver.

A Princesa voltou ao tear, mas estava tão triste, com saudade do amigo, que não conseguia mais fazer uma nuvem sequer. O Imperador, que sabia da importância das nuvens para toda a humanidade, não podia deixar que a tarefa fosse deixada de lado. Mas, também, era pai, e pai algum suporta ver a tristeza de uma filha. Pensou e pensou e a única solução que encontrou foi esta:

– Minha querida, não posso mais deixá-la assim, tão triste. Então, vou permitir que se encontre com o Pastor dos Rebanhos uma vez por ano. Nesse dia, você poderá brincar com ele o quanto quiser. Mas peço que volte agora a me ajudar a fazer as nuvens, porque sem elas o céu ficará muito vazio, e as chuvas farão falta para as pessoas que tanto precisam delas...

A filha compreendeu a importância de seu trabalho, ao mesmo tempo em que ficou feliz, porque, ao menos uma vez por ano, poderia se encontrar com o seu amigo, Pastor dos

Rebanhos.

A Princesa passou a tecer alegremente muitas nuvens, de várias formas e espessuras, para cada tipo de céu necessário. O Imperador, por sua vez, cumpriu a promessa.

No sétimo dia do sétimo mês de cada ano, o Imperador ordena que as garças formem uma longa ponte sobre a Via Láctea. E por ela corre a Princesa Tecelã, que muitos enxergam da Terra como a estrela Vega, ao encontro do Pastor dos Rebanhos, que é avistado de longe como a estrela Altair.

E esse encontro é tão feliz no Céu, que na Terra o celebram como o Festival das Estrelas. Conhecido como Tanabata Matsuri, durante o festival, as crianças penduram tiras coloridas de papel nos bambuzais, nas quais escrevem seus desejos. E o vento se encarrega de os levar até os céus, para que todos os desejos se encontrem no caminho da felicidade, assim como o encontro entre a Princesa Tecelã e o Pastor dos Rebanhos...

ISSUNBOSHI

O desejo de ter um filho era tão grande, que um casal foi ao santuário pedir por esta bênção especial.

– Por favor, vivemos muito bem, mas uma criaturinha completaria a nossa felicidade... – era o pedido de ambos.

O casal era muito bondoso, por isso, os deuses do santuário enviaram um pequeno menino, do tamanho de um polegar, para que ele se tornasse o filho tão desejado.

– Oh! – a mulher exclamou de satisfação, ao ver o pequeno bebê deitado em uma flor de seu jardim.

O marido ficou surpreso e feliz também, não se importando com o tamanho da criança, que cabia na palma de sua mão. E assim o batizaram de Issunboshi, que significa algo como "o menino-polegar".

O tempo passou e Issunboshi continuou pequeno em tamanho, mas grande em sua vontade de ajudar os pais. Tentava fazer o que podia, mas seu tamanho o impedia de realizar as tarefas mais simples, como varrer o chão. Afinal, para alguém tão pequeno, varrer o piso da cozinha seria como varrer todo o bosque que cercava a plantação da família.

Não sabendo mais como ajudar em casa, pensou que talvez pudesse encontrar outra forma de ser útil, em algum lugar do mundo.

– Pai, mãe, vou sair para encontrar algo para fazer por aí. Espero poder trazer muitas coisas boas para casa, para agradecer por tudo o que fizeram por mim em todos estes anos...

Não queriam que o pequeno saísse de casa, mas da mesma forma como ele havia chegado de forma mágica, confiaram também que a sua partida seria uma bênção para a família. Que realmente ele voltaria algum dia, mais feliz. Era já um jovem, e aos jovens o mundo se apresenta de forma irresistível.

– Há muito tempo, nosso desejo foi atendido... Não podemos impedir que o seu se realize – disse o pai.

A mãe separou uma agulha para o filho usar como espada, e também uma tigela, para ser usada como barco, e um palito, como remo.

Issunboshi naturalmente sentiu medo das águas do grande rio que o levaria para a capital, mas não queria desistir do seu caminho. Juntou coragem e partiu, com as bênçãos dos pais. A viagem pelo rio até que correu tranquila, até o desembarque

seguro na grande cidade.

A partir de então, as coisas ficaram mais agitadas. Centenas de pessoas caminhavam de um lado para o outro. Não haveria problema, se cada passo não fosse capaz de esmagá-lo. Mas Issunboshi era ágil e conseguiu chegar a um vasto e tranquilo jardim, que o levou a um castelo ainda maior. Diante do portão, havia um guarda, para quem o pequenino falou bem alto:

– Por favor, procuro um trabalho nesta cidade!

O guarda não se moveu, porque não havia como escutar alguém tão pequeno. Issunboshi então gritou ainda mais alto:

– Estou aqui! Aqui embaixo! Olhe para baixo, por favor!

Por sorte, o guarda tinha um ouvido muito bom. Ele se abaixou e encontrou Issunboshi. Pegou-o com cuidado e o colocou na palma da mão. Achou o pequeno tão incrível que o levou até o seu Senhor, que também ficou impressionado.

– Quer dizer que está em busca de trabalho? O que você sabe fazer? – perguntou o Senhor do Castelo.

– Sei ser pequeno – brincou Issunboshi.

– Você é bem divertido – riu-se o Senhor do Castelo. – Acho que minha filha irá gostar da sua companhia. Ela anda se queixando de que está sempre sozinha, por não ter ninguém com quem conversar. Aceita o trabalho?

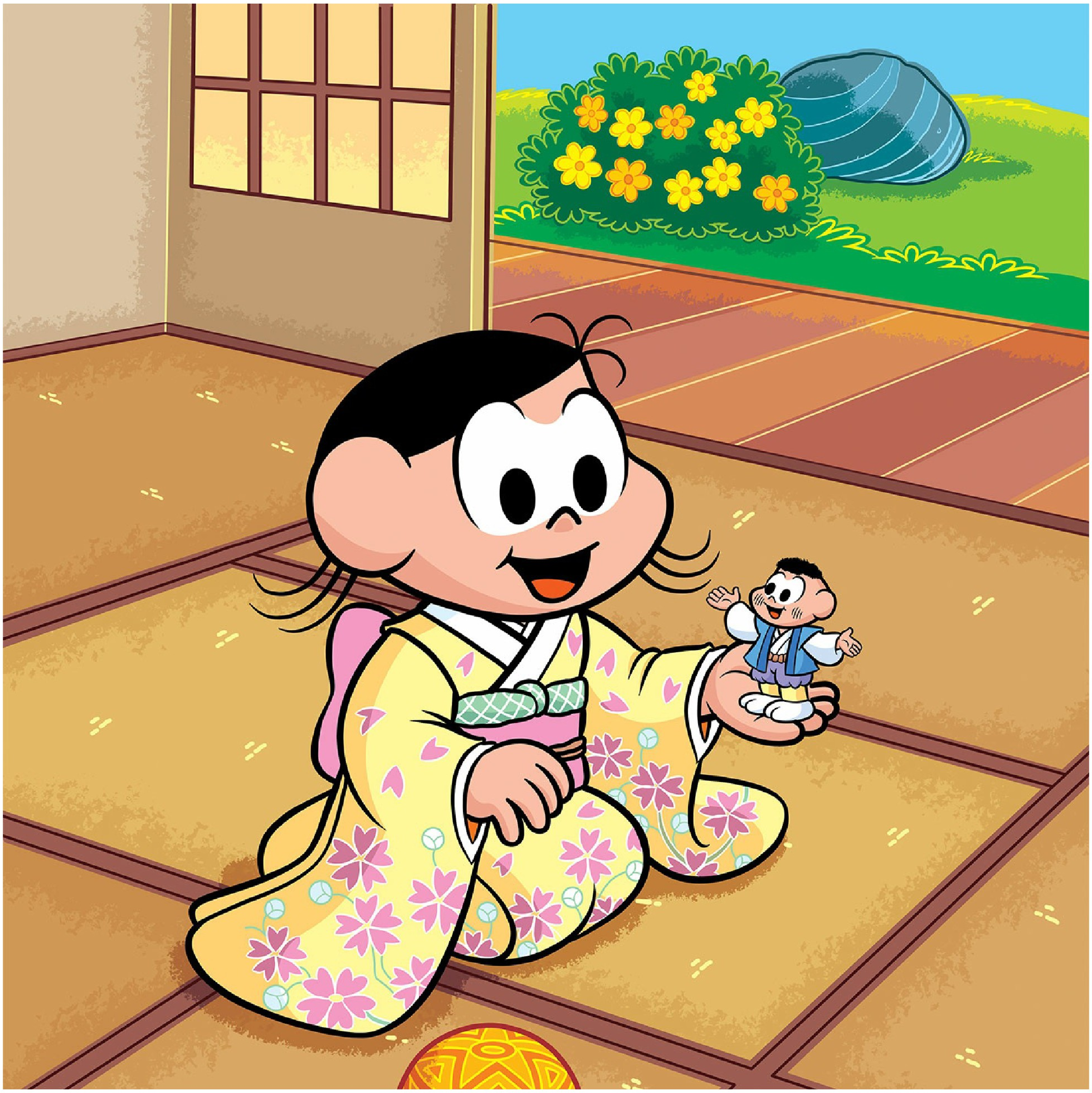
– Mas apenas conversar com sua filha não me parece um trabalho. Então, aceito se eu puder trabalhar como um dos guardas, protegendo-a.

O Senhor do Castelo achou aquilo engraçado, porque não acreditava que alguém tão pequenino seria capaz de proteger alguém.

– Veja, já tenho até a minha espada! – Issunboshi desembainhou a agulha.

Segurando-se para não rir, porque não queria ofender o pequeno,

o Senhor do Castelo fingiu que o aceitava nas fileiras de seus guardas. E o levou à sua filha, que gostou de Issunboshi na mesma hora. Tornaram-se, de fato, grandes e inseparáveis amigos.



Certo dia, ela pediu para Issunboshi acompanhá-la a um templo perto do castelo. Por ser próximo, imaginou que não precisaria levar guardas para protegê-la. Além do mais, ao contrário de todas as outras pessoas, acreditava que o pequeno amigo seria capaz de defendê-la se preciso.

No caminho, a dupla foi atacada por um terrível ogro, que agitava um martelo mágico sobre a cabeça. Issunboshi não teve medo. Empunhou sua agulha para defender a filha do Senhor do Castelo. O ogro riu do pequenino, apanhando-o entre os dedos. Em seguida, abocanhou-o. A filha do Senhor do Castelo deu um grito. Seria o fim do pequeno amigo?

Se Issunboshi fosse maior, o ogro teria que mastigá-lo. Mas, justamente por ser tão pequeno, o jovem foi engolido por inteiro. Assim, ele usou sua agulha contra a garganta do ogro, que, sentindo uma dor imensa, acabou derrubando o martelo mágico.

A filha do Senhor do Castelo era tão valente quanto o pequeno Issunboshi, e logo se aproveitou da situação. Pegou o martelo e golpeou o pé do ogro, que deu um grito tão forte, que acabou cuspindo o jovem protetor.

Surpreso e envergonhado por ter sido derrotado por uma pequena garota e por um jovem ainda menor, fugiu sem olhar para trás.

Com o martelo mágico do ogro em mãos, a filha do Senhor do Castelo podia realizar qualquer desejo. Mas somente um. Apesar de saber que o tamanho de Issunboshi não importava em

sua amizade, apontou o martelo para ele, dizendo:

– Que meu amigo seja do tamanho que desejar ser!

Issunboshi cresceu e cresceu, até ficar do tamanho da filha do Senhor do Castelo, que sorriu, dizendo:

– Por que quis crescer, se mesmo pequeno é capaz de salvar a filha do Senhor do Castelo?

– Para fazer algo que sempre quis fazer em toda a minha vida...

Sem dizer mais nada, Issunboshi deu um longo abraço em sua amiga. Em seguida, ao retornarem ao castelo, recebeu uma grande recompensa por ter ajudado a protegê-la. E foi esse tesouro que Issunboshi levou para os pais, que sequer se impressionaram com isso. Porque tudo o que eles queriam era o mesmo que o filho: um abraço bem apertado.

HACHIKAZUKI, A PORTADORA DA TIGELA

Um casal vivia em alegria com sua pequena filha, quando a tristeza, sem aviso, os visitou. O pai acabou por perder tudo o que tinham, em negócios malsucedidos. Ao perderem a casa, mudaram-se para o interior, tentando uma nova vida. Mas essa vida nova demorou a chegar, até que, cansado de tanta espera, o pai deitou-se em sua cama e nunca mais levantou. Mãe e filha estavam sós.

A zelosa mãe cuidava como podia da filha. E mesmo com tanta dificuldade conseguiu vê-la crescer forte. Tentando evitar que ela sofresse, a todo custo a protegia. Se o alimento era pouco, tirava de sua própria boca para dar a ela, dizendo estar sem fome. Também economizava ao máximo, tentando juntar alguma coisa para o futuro da menina. E tanto zelo a mãe tinha pela filha, que acabou descuidando de si. Adoeceu.

– Minha querida, estou muito fraca... Desculpe-me... Sinto que vou ter que deixar você sozinha...

– Não diga isso, mãezinha! – disse a filha, que nessa época já era moça.

– Estou tão preocupada com você. Como irá se cuidar daqui para a frente? – a mãe lamentava.

– Mãezinha, fique comigo. Cuidaremos uma da outra, por favor! – as lágrimas começaram a cair.

– Minha filha, o mundo é um lugar muito difícil. Ah! Se eu pudesse tomaria conta de você por toda a sua vida! Mas sinto que já não posso... Então, por favor, preste atenção... Debaixo da cama há uma grande tigela de madeira, pegue-a...

A filha assim fez, entregando a tigela para a mãe, que, por sua vez, colocou-a na cabeça da filha, dizendo:

– Esta tigela será sua proteção, nunca a tire da cabeça, por favor. Você promete? Ah... Já vejo as cerejeiras – a mãe delirava.

A filha prometeu que manteria a tigela cobrindo todo o seu rosto. Nenhum olhar conseguiria atingi-la. Pode parecer estranho um pedido dessa natureza. Porém, uma mãe, que está prestes a deixar a filha sozinha no mundo, tenta se agarrar a qualquer coisa que lhe faça acreditar que ela ficará bem... e protegida. Só assim, descansou.

Foram dias de muita tristeza, em que a filha chorou, sem que ninguém pudesse ver suas lágrimas, cobertas pela grande tigela. Depois do luto, levantou-se decidida a continuar em frente.

Juntou algumas coisas, colocou-as em um saco às costas e saiu, sem a intenção de voltar.

– Vou encontrar um trabalho. Vou viver bem, porque minha mãe me ensinou muitas coisas.

Buscou trabalho em vários lugares, mas todos estranharam a tigela em sua cabeça e não lhe deram qualquer chance. Passaram a chamá-la de Hachikazuki, que significa, a "moça com a tigela na cabeça". Muitos faziam gracejos, rindo dela por sua estranha aparência. Mesmo assim, ela não tirou a tigela, lembrando-se da promessa feita à mãe.

Certo dia, quando estava sendo humilhada por um grupo, um jovem apareceu para defendê-la.

– O que pensam que estão fazendo? Deixem a moça em paz!

Todos curvaram as cabeças, pois quem falava era o filho do Senhor de todas aquelas terras.

– Muito obrigada, meu senhor. E tudo o que eu queria era apenas um trabalho – disse Hachikazuki, choramingando.

O filho do Senhor das terras apiedou-se e lhe ofereceu um trabalho em seu castelo.

Hachikazuki se tornou a mais esforçada e habilidosa de todos os trabalhadores do castelo. Isso porque a mãe a tinha protegido, não lhe fazendo todos os desejos ou a cobrindo de mimos. O que a mãe fez foi ensinar à filha a ter muitas habilidades. Dessa forma, a menina sabia fazer todos os trabalhos, desde os domésticos até os do campo, como semear, arar e colher.

Tantas habilidades chamaram a atenção do filho do Senhor das terras, que ficou encantado com tamanha força de vontade e paixão pela vida. E por tantas qualidades, sem sequer conhecer o rosto de Hachikazuki, apaixonou-se por ela.

– Desculpe-me pela ousadia. Mas sempre fui uma pessoa honesta com meus sentimentos... Tenho que confessar que a amo...

Para surpresa de todos, o filho do Senhor das terras pediu, em seguida, Hachikazuki em casamento.

– Como poderia eu, uma pobre serviçal, casar-me com o filho

do Senhor de todas estas terras?

A verdade é que Hachikazuki também havia se apaixonado. Mas sentia-se

insegura, por ser tão pobre. E sua insegurança de fato era a mesma dos pais de seu amado. Se tivesse outros meios para viver com conforto, ainda assim tomaria a mão daquele jovem rico em casamento? Hachikazuki sabia bem a resposta. Mil vezes aceitaria viver com o filho do Senhor das terras, mesmo que este fosse o mais pobre dos homens, porque já o guardava em seu coração como o único tesouro valioso do mundo. Sabia que ele era bom.

E a bondade é de fato o maior dos tesouros.

O casamento não foi aprovado pela família. Então, diante da recusa, Hachikazuki decidiu partir, porque não suportaria viver perto de seu amor, e não poder tê-lo em seus braços. Porém, antes, foi agradecer aos senhores daquela terra, que a receberam quando todos a haviam recusado.

– Muito obrigada por me acolherem em suas terras. Aqui tive a maior de minhas alegrias, que foi ter conhecido o seu filho. Não me importa se não poderei permanecer aqui. Levarei para

sempre os melhores sorrisos desta terra comigo. Muito obrigada, muito, muito obrigada...

Nesse instante, tão fervorosamente se curvou em gesto de gratidão, que a grande tigela em sua cabeça caiu e se partiu, revelando um compartimento secreto. Pequenas pedras preciosas se espalharam pelo chão, como estrelas de um universo inteiro. Era o tesouro guardado pela mãe com tanto cuidado, para garantir o futuro da filha. Porém, nada se comparava ao brilho do olhar de Hachikazuki, porque nele estava espelhado o sentimento do sincero amor.

Hachikazuki recolheu as pedras preciosas e as entregou como um presente de agradecimento aos senhores daquela terra. Continuou a se despedir e, quando estava para partir, foi impedida por um choro maternal.

– Meu filho é o maior dos tesouros, pelo coração puro que tem. Mesmo sendo rico, manteve-se sempre humilde. Nunca imaginei que encontraria uma esposa para ele, que merecesse esse coração. Pois agora vejo, nesse instante, que encontrei. Minha filha, porque, a partir de agora, se aceitar, você será a filha que sempre desejei. Por favor, fique. Perdoe-nos o nosso excesso de zelo pelo nosso filho. Isso nos cegou, porque da mesma forma como a tigela em sua cabeça não permitia que

víssemos o seu rosto, assim nossa preocupação não nos permitiu ver o seu coração.

E o casamento foi celebrado com a maior das festas que aquela terra já havia testemunhado. E nunca mais pessoa alguma foi menosprezada, por se parecer diferente ou estranha, porque o povo daquela terra compreendeu que dentro de cada um há um tesouro escondido. Um tesouro que só a bondade pode revelar.